



Educomunicação como fundamento da educação no ensino superior: construindo um espaço dialógico de construção do conhecimento

Eixo 09 - Educomunicação e Práticas Sociais e Tecnológicas

Analice Madeira Teixeira da Silva¹

Ana Lúcia Nunes de Sousa²

Érica Gonçalves Soares³

RESUMO

O trabalho analisa a realização da disciplina “Mídias na Educação”, propondo, a partir desta experiência, reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem a partir de uma visão dialógica do processo comunicativo-educativo. Ministrada no Período Letivo Especial (PLE), em 2020, pelo Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da UFRJ, a disciplina ocorreu de forma remota, prioritariamente assíncrona, com a participação de 15 estudantes. Utilizamos entrevistas semi-estruturadas com educandos e educandas participantes da elaboração dos produtos comunicativos-educativos realizados como avaliação final. Através da técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), buscamos identificar como a relação dialógica aparece nas narrativas dos envolvidos. Nas análises observamos que a educomunicação favorece uma educação autêntica (FREIRE, 2006), ao trazer para o diálogo diferentes pontos de vista de pronúncia do mundo. O percurso de aprendizagem empreendido demonstra que ao utilizar a educomunicação foi possível quebrar a lógica individualista do espaço educativo de ensino superior, trazendo para o centro a gestão da comunicação como uma partilha e produção conjunta do conhecer.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação, comunicação, educação

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro; Mestranda em Educação em Ciência e Saúde no Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da UFRJ; e-mail: analicemadeira@ufrj.br

2 Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professora Adjunta no Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, com atuação no Laboratório de Vídeo Educativo e no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde; Professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ; e-mail: analucia@nutes.ufrj.br

3 Universidade Federal do Rio de Janeiro; mestranda em Educação em Ciência e Saúde no Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da UFRJ; e-mail: ericasoares@ufrj.br



ABSTRACT

This work proposes a reflective analysis of the teaching-learning process based on a dialogic view of the communicative-educational process, based on the experience in the course 'Media in Education'. Taught during the Special Academic Period (PLE), in 2020, by the Nutes Institute of Education in Sciences and Health at UFRJ, the course took place remotely, primarily asynchronously, with the participation of 15 students. We used semi-structured interviews with male and female students participating in the elaboration of the communicative-educational products used as the final evaluation. Through the technique of content analysis (BARDIN, 2011), we sought to identify how the dialogical relationship appears in the narratives of those involved. In the analyses, we observed that educommunication favors an autonomous education (FREIRE, 2006), by bringing different worldviews into the dialogue. The learning path undertaken demonstrates that by using educommunication it was possible to break the individualistic logic of higher education learning space, bringing communication management to the center as a sharing and collaborative production of knowledge.

KEYWORDS: Educommunication, communication, education.

1. Introdução

A sindemia de Covid-19 afetou o modo como ensinamos e aprendemos. Os aparatos tecnológicos e a educação através de plataformas ganharam espaço e se assentaram como uma alternativa pedagógica que, pese a todas as críticas e problemas, anuncia que desta vez veio para ficar. Em 2020, com o estado de emergência declarado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), as escolas foram fechadas e houve a necessidade de adaptação do modelo tradicional de ensino. A maior parte das instituições educativas passou a utilizar plataformas da internet e redes sociais para transmitir e/ou compartilhar seus conteúdos curriculares.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), as atividades presenciais foram suspensas em março de 2020. Em julho do mesmo ano, a Universidade aprovou o Período Letivo Especial, com atividades pedagógicas não presenciais, realizadas entre agosto e novembro daquele ano. Os docentes foram orientados a adaptar o modelo de



aulas, através da realização de atividades assíncronas e síncronas. As aulas síncronas deveriam, preferencialmente, ser gravadas e ter o material disponibilizado aos estudantes. Foi um período extremamente desafiador para toda a comunidade acadêmica, que enfrentou desafios relativos às desigualdades de acesso às ferramentas de tecnologias da comunicação e informação (equipamentos e internet) e à adaptação ao novo modelo pedagógico. Além, claro, dos desafios impostos pelas medidas de segurança sanitária, com o confinamento, adoecimento físico e mental, e as permanentes desigualdades sociais agravadas pelo cenário de crise.

A disciplina eletiva “Mídias na Educação” foi ofertada pelo Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde para estudantes da UFRJ durante o Período Letivo Especial, em 2020. A realização da disciplina contou com aulas ao vivo, pela internet, que eram gravadas e disponibilizadas aos estudantes. Além de contar com material e outras atividades, todas acessíveis pela internet.

Neste trabalho, analisamos a realização da disciplina “Mídias na Educação”, propondo, a partir desta experiência, reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem. O que nosso olhar está buscando aqui é pensar como uma disciplina da área da educação e comunicação, baseada em princípios da educomunicação, desenvolve um itinerário pedagógico como construção coletiva do conhecimento. Pensar, ainda, como esta construção compartilhada se vincula com a comunicação enquanto fundamento da educação, partindo da proposta de educação dialógica de Paulo Freire.

2. Fundamentação teórica

Neste trabalho, entendemos a comunicação na visão proposta por Sodré (2015). O autor explica que a comunicação pode ser entendida como uma síntese de uma variedade de práticas contemporâneas que vão desde a troca de palavras entre duas pessoas até a troca de informações através de tecnologias altamente avançadas. Assim, a comunicação está além dos meios de comunicação, focando na interação. Comunicação é, portanto, *communicare*, tornar comum, agir em comum. A palavra tem “a mesma raiz de



comunidade, de comunhão; expressa algo que é compartilhado: aquilo que se tem ou vive em comum” (SODRÉ, 2015, p.9). Em resumo, comunicar é agir, é “instaurar o comum da comunidade” (SODRÉ, 2015, p.214).

Partindo, portanto, desta concepção de comunicação, nos propomos a pensar aqui a comunicação como alimentadora de um processo educativo transformador (KAPLÚN, 2010, p.10). Este tipo de comunicação pode ser chamada, também, de educomunicação. Na sessão seguinte, trazemos um breve histórico do surgimento e usos do conceito.

2.1 Educomunicação e sua vertente latino-americana

A Educomunicação apresenta-se como um campo de estudos, pesquisas e práticas sociais na interlocução entre Educação e Comunicação com múltiplas correntes teóricas. Para este trabalho, nos interessa a perspectiva latino-americana, que surgiu no contexto de luta dos movimentos sociais pelo direito à universalização da comunicação nos anos de 1980 (SOARES, 2014). Distanciando-se das teorias sobre Educação Midiática produzidas na América do Norte e na Europa, que centram-se no objetivo de formar o receptor para que este esteja supostamente imune aos excessos dos meios de informação e comunicação, sem questionar a hierarquia entre emissor e receptor. Segundo Soares (2014), a educomunicação com raízes latino-americanas propõe-se a romper com este modelo comunicacional no processo de ensino-aprendizagem.

Esta vertente do campo tem seus pressupostos teóricos fundamentados no que Kaplún (2010) chama de educação endógena, que põe ênfase no processo, na transformação social do sujeito e da comunidade. Para isso preconiza uma educação-comunicação que seja problematizadora da realidade e tenha a participação ativa dos sujeitos, onde educando e educador compartilham e constroem saberes, sendo ambos emissor e receptor ou o que ele denomina de “emi-recs”. Por essa perspectiva, a educação é compreendida como um processo comunicacional de ação-reflexão-ação (KAPLÚN, 2010).

A partir deste olhar, a Educomunicação se configura então como um espaço de questionamentos, de busca de conhecimentos e construções de saberes; também de ações



e experiências que levam a saberes ou partem deles em direção a outros (SOARES, 2006). Espaço este criado através da gestão por educandos dos processos comunicativos em ambientes pedagógicos, que podem ter como exemplo a elaboração de produtos-informativos-educativos como jornais, folhetins, peças para rádio, televisão, cinema e outros. Neste caso, a ênfase estaria não no produto em si, mas no processo de criação onde todos são sujeitos ativos.

2.2 Educomunicação como prática da liberdade

O processo educativo constitui um “jogo entre permanências e mudanças culturais” (FREIRE, 2014, p.58). Nele, a relação Educação-Comunicação é vista como fundamental para pronunciar o mundo “com”, em uma partilha entre um corpo docente e discente, entre educadores-educandos e educandos-educadores. Assim, refletir sobre a comunicação como fundamento da educação tem se feito necessário para pensar em processos educativos libertadores (FREIRE, 2014).

Freire (2006) explica ainda que uma educação autêntica se estabelece não do educador para o educando, nem do educador sobre o educando, mas do educador com o educando mediatizados pelo mundo, “mundo que impressiona e desafia uns e a outros, originando visões ou ponto de vista sobre ele” (FREIRE, 2006, p. 48).

A educação se faz no processo de transformação do mundo e na tomada de consciência, que não pode ter caráter intelectualista e individualista. Este tipo de educação, na concepção de Freire, é uma educação inautêntica. Essa educação inautêntica, pautada na competitividade e em uma racionalidade concorrencial de construção do conhecimento, tem sido fundante, na contemporaneidade, dos espaços educativos de ensino superior devido à intensificação da transfiguração do neoliberalismo para o campo moral (MARCON; SCOLARI; MEZADRI, 2021).

A proposta de Freire vai na contramão desta educação inautêntica, pois parte do princípio de que “a educação é comunicação, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, ANO, p.46) para que estes, em comunhão, construam percursos disruptivos da noção das práticas individualistas presentes nesses espaços educativos de



ensino “superior”.

Kaplún (2010), ao tomar os escritos de Paulo Freire para pensar a comunicação dialógica, vivida e praticada nos movimentos sociais, nos convida a observar que há outros modelos de gestão da comunicação nos processos educativos que podem ser potencializados quando é quebrada a relação pautada em um modelo transmissor, que estabelece uma hierarquia entre emissores e receptores. Para Kaplún (2010), ao construir conjuntamente processos comunicativo-educativos que entrelaçam diferentes pontos de vistas, produzimos encontros em que todos se configuram enquanto “emissores-receptores”. Nas palavras de Freire, poderíamos chamar de um processo “educando-educador”, que se educam juntos, no mundo. Trata-se, portanto, de pensar o ensino-aprendizagem focado no processo, em que o produto final não é o foco, mas sim o que se aprende em comunhão no percurso.

2. Metodologia

Para analisar a realização da disciplina “Mídias na Educação” descrevemos a realização das aulas (seção 3), a partir de dados coletados durante o semestre e compartilhados pela docente responsável. Nos baseamos no Programa da disciplina, nas aulas gravadas, nos referenciais teóricos disponibilizados e nas demais atividades pedagógicas realizadas. Além disso, conduzimos entrevistas semi-estruturadas com dois grupos de estudantes.

O primeiro grupo produziu um trailer de documentário intitulado “Alimentação de terreiro e infância da população negra”. O segundo realizou o podcast “Onde estão as mulheres na história da arte no Brasil?”. As entrevistas ocorreram em uma conversa remota direcionando as perguntas para os estudantes via *Whatsapp* e estes nos responderam em formato de áudio. Optamos por essa abordagem dado o contexto de isolamento social no ano de 2021, quando este trabalho foi realizado. Importante dizer que as entrevistas foram realizadas após o lançamento das notas de avaliação. Esses áudios foram transcritos em sua totalidade para executar a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011).



Na análise que apresentamos abaixo (seção 4), buscamos identificar, a partir da categoria “processos dialógicos”, os trechos que expressavam as características desta categoria, incluindo os diálogos realizados ao longo da construção dos produtos comunicativos-educativos, que se deu tanto intragrupo quanto extragrupo, ao trazer outras vozes para compor o produto final.

3. Mídias na educação: a disciplina

A disciplina “Mídias na educação” foi realizada entre agosto e novembro de 2020, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O grupo que se matriculou foi composto por treze (13) estudantes de diferentes cursos da Universidade. Foram ao todo 12 aulas, sendo nove (9) encontros ao vivo, cujas aulas foram gravadas; e outras três (3) aulas com atividades assíncronas, através de leitura e tarefas a serem cumpridas. O Programa da disciplina abordou os seguintes temas: 1) Imagens na sociedade contemporânea; 2) Comunicação e mídias: conceituar, pensar e criticar; 3) Comunicação e educação: propondo um outro olhar; 4) Intervenção pedagógico-comunicativa I; 5) Comunicação estratégica (pensando o produto/projeto final); 6) Comunicação das periferias: meios e mídias alternativas e comunitárias na prática; 7) Textos em ambientes educativos: jornal, livros, cordel, etc.; 8) Audiovisual em ambientes educativos; 9) Áudio e som em ambientes educativos: o rádio, a música e o podcast; 10) Divulgação científica nas mídias; 11) Internet em ambientes educativos; 12) Apresentação do Produto.

As aulas foram dialógicas, ministradas de maneira remota, via plataforma na internet, e assíncrona. Dos treze estudantes matriculados, nove (9) foram aprovados e quatro (4) foram reprovados por média (RM). A avaliação dos educandos foi realizada através de tarefas semanais e a produção de um produto comunicativo/educativo que estivesse relacionado com os temas classe, raça e gênero. Os educandos concluintes cursavam ciências biológicas-modalidade médica, nutrição e história da arte. Na seção seguinte, descrevemos as percepções dos estudantes sobre a realização do trabalho final



e refletimos sobre o papel da comunicação como fundamento da educação e se e como a proposta desta disciplina criou um espaço educativo dialógico.

4. A percepção dos estudantes

Nesta seção analisamos como os estudantes participantes da disciplina descrevem seus percursos de construção dos produtos comunicativos-educativos, evidenciando como a educomunicação propiciou diálogos intragrupo e extragrupo.

M.L e W. integraram o mesmo grupo de trabalho final que produziu o *trailer* do documentário “Alimentação de terreiro e infância da população negra”. O filme é centrado na entrevista da Dra. Lourence Cristine Alves, historiadora e pesquisadora em gastronomia e Afrobrasilidades, trazendo uma sonoridade que remete ao terreiro. A Dra. Lourence traz a conexão entre cozinha, aprendizagem e construção do conhecimento para o ambiente escolar a partir das percepções como pesquisadora da área.

No vídeo, Dra, Lourence Cristine Alves é entrevistada, discutindo a relação de hierarquia que o ambiente escolar estabelece com a cozinha e propõe uma quebra nessa relação. Ela toma como exemplo a relação estabelecida nos terreiros, onde um processo de produção de conhecimento é baseado de forma circular e dialógica, na comunhão entre os mais velhos e os mais novos.

Além disso, a escolha da Dra. Lourence para a entrevista rompe com a representação hegemônica do audiovisual brasileiro, pois retrata uma mulher preta como cientista. A entrevistada pensa a hierarquia desses espaços e propõe uma outra lógica, uma outra construção que foge ao modelo escolar padrão. Modelo este que é centrado na relação de poder do educador que escolhe como e qual conhecimento é transmitido. Dessa forma, o produto reflete o que Soares (2006) expressa ao colocar a educomunicação como uma busca de saberes, que sai de um lugar a outro. Esta ruptura entre quem ensina e quem aprende é exposta por Kaplún (2010) ao ver os sujeitos enquanto “emi-recs” nos processos educacionais, entre quem pode se ver no lugar de produtor de conhecimento, também enfatizada por W. no trecho 1.

Os pressupostos educacionais de produção do *trailer* evidenciam-se através



da fala de W., quando este explica como o processo de escolha do tema foi construído coletivamente, a partir das pesquisas e vivências dos integrantes do grupo. Quando W. diz que “o grupo eram três pessoas e cada um colocou aquilo que se estava pesquisando e o que a gente poderia pensar a partir disso”, no Trecho 1, evidencia a ideia de comunicação expressa por Sodré (2014) ao tomar a comunicação enquanto este lugar do agir em comunhão, um espaço dialógico em que todos são “emi-rec”, participando ativamente (KAPLÚN, 2010).

A disciplina e o processo de criação deste mesmo trabalho final também proporcionou a M.L. descobrir sobre sua própria história, ressaltando a educomunicação como processo educativo endógeno, centrado na transformação do sujeito e na construção de significação do mundo pelo próprio sujeito (KAPLÚN, 2010; FREIRE, 2006). No Trecho 2, M.L. descreve como a experiência na disciplina propiciou uma busca pela história de sua própria família. Dessa forma, quando a história da família é exposta, estão pronunciando o mundo conjuntamente, educando-educador e educador-educando ao trazer para o produto uma temática que surgiu a partir das provocações em aula, onde M.L. toma consciência de sua própria trajetória no percurso da história. Emergindo o que Freire (2014) explicita que a comunicação é esse ponto de apoio para a pronúncia do mundo, em uma partilha.

Trecho 1: W.: Então o processo da escolha de imagens partiu do momento em que a gente começou a pensar o que nós iríamos pesquisar, o nosso tema de pesquisa ... porque antes da gente pensar isso a gente discutiu muito sobre o tema. O grupo eram três pessoas e cada um colocou aquilo que se estava pesquisando e o que a gente poderia pensar a partir disso. Pensou um problema de pesquisa, pensou um tema para aquilo... como a gente encontrou esse tema, pensando no conceito do alimento sagrado, com essas relações de matriz africana, então a gente quis fazer o resgate da importância do que se tem dentro do candomblé, que são os itans, que são os mais velhos dentro do terreiro que carregam esse conhecimento e contribuem pra esse tipo de informação ser passada de geração em geração.



Trecho 2:

ML.: O trabalho me possibilitou descobrir algumas coisas sobre a minha família. (...) Eu sabia que meu bisavô era pai de santo em um terreiro, na Baixada Fluminense. O trabalho foi me possibilitando descobrir que a história é muito maior do que eu sabia. Saiu em jornal, tem música, tem nome. Fui procurando, falando com outra pessoa, fui rodando vários terreiros.

No segundo trabalho final de curso que analisamos, o podcast “Onde estão as mulheres na história da arte no Brasil?”, as apresentadoras se dividem para narrar as dificuldades das mulheres na história da arte. Fazem um apanhado histórico para introduzir o tema narrando como as mulheres foram desvalorizadas ao longo dos anos. A professora Ana Cavalcanti, da Escola de Belas Artes da UFRJ, foi a inspiradora e entrevistada para o podcast. No material, ela conta sua experiência na academia, onde percebia que, enquanto graduanda, havia mais atenção aos poucos homens da turma. No trecho abaixo, a estudante G. discorre sobre o processo de produção do podcast.

Trecho 3:

G.: E a gente coloca também na atualidade que é um ambiente que a gente está presente, construindo arte e a gente convidou nossa professora Ana Cavalcanti que nos ajudou no projeto (...). Antes de ser professora ela começou a graduação em pintura na EBA e até os dias de hoje ela diz que há dificuldades na inserção de mulher na arte, que eles jogam mais pro lado masculino e tal. Então foi muito importante ter o ponto de vista dela, onde ela começou falando de uma artista atual que é Anarquia Boladona. Tentamos pegar nichos artísticos não só o nicho do neoclássico do modernismo. A gente quis trazer também [a Anarquia] porque é grafiteira, tem aquela discussão que grafite não é arte. A gente trouxe todo esse debate. De uma forma bem narrativa.

No trecho acima, podemos perceber alguns pontos importantes que constituem os processos educomunicativos, como quando a inquietação da educadora-educanda de outra disciplina, entrevistada para a produção do podcast, acerca do machismo nas artes dispara nas educandas-educadoras da disciplina “Mídias na Educação” um roteiro que



também vai dialogar sobre o machismo nas artes. Além disso, elas trazem para o debate e contestam a questão de ter uma arte institucionalizada e uma arte de periferia. De novo, aqui se expressa o que Soares (2006) aponta que a educomunicação é esse lugar onde podemos partir de um conhecimento e ir a outro, fazendo dialogar diferentes pontos de vistas.

Considerações Finais

Neste trabalho, argumentamos como a educomunicação tem potencial de subverter a ordem individualista e competitiva estabelecida nesses espaços. Na vivência da disciplina “Mídias na educação” foi possível compreender como a transformação da sala de aula em um ambiente cooperativo propicia a participação criativa dos educandos envolvidos nas atividades. Também favorece uma educação autêntica em que o compartilhamento dos conhecimentos tanto do educador quanto do educando estruturam um diálogo formativo.

O percurso de aprendizagem empreendido por meio da educomunicação demonstra que é possível transformar a sala de aula em espaços que rompam com o modelo pautado na transmissão das mensagens, sob a perspectiva da compreensão desse espaço como central para a transformação social. A proposta aqui empreendida demonstra uma educação dialógica, centrada no *processo*, acarretando na *construção coletiva* do saber.

A maior parte das instituições educativas tende a manter a rigidez entre professor e aluno, sendo o primeiro o pólo emissor e o segundo o receptor, o que desfaz essa ideia de cooperação e impõe uma lógica que favorece a conformidade e manutenção do status quo. Esses espaços uniformizam, normalizam e estruturam a sociedade com valores de competição e individualismo. Acreditamos que o processo educativo descrito e analisado neste trabalho rompe com esta lógica e propõe um processo libertador.

Referências



DE OLIVEIRA SOARES, Ismar. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. **Comunicação & educação**, 2014.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 2010.

MARCON, T.; SCOLARI, A. e MEZADRI, J. **Educação Para a Democracia no Contexto Neoliberal**: Contribuições da Universidade Para Superar a Subjetividade Concorrencial. *Rev. Int. Educ. Super.* 2022.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.